

OS JOGOS TEATRAIS NO PROJETO TRAJETÓRIAS CRIATIVAS

Marino José Ortiz¹

Orientadora: Professora Mestre Stela Maris V. Farias.

RESUMO

O presente artigo surge a partir de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) sobre a contribuição dos jogos teatrais para a formação da autonomia nos alunos do projeto Trajetórias Criativas, que está sendo desenvolvido em uma Escola Estadual da região metropolitana de Porto Alegre. Como procedimento da pesquisa foram distribuídos questionários entre estudantes e professores a fim de verificar qual a conduta dos estudantes em relação a trabalho em grupo, responsabilidade e colaboração na escola. Também foram realizadas as oficinas de teatro para observar as possibilidades de mudança na conduta dos jovens através dos jogos teatrais. Os dados da pesquisa indicaram uma maior participação, interesse, responsabilidade e solidariedade por parte dos estudantes nas tarefas da escola em um todo.

Palavras-chave: autonomia, desenvolvimento, jogos, teatro, conduta.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem origem na pesquisa realizada com uma das turmas de estudantes entre 15 e 17 anos que participam do Projeto de Extensão Trajetórias Criativas, desenvolvido em uma Escola Estadual na região metropolitana de Porto Alegre/RS. O referido projeto integra-se à proposta de ação educativa elaborada por professores do Colégio de Aplicação da UFRGS e está sendo oferecida a escolas da rede estadual de ensino com o objetivo de avançar alunos que apresentam defasagem entre idade/série.

¹ Professor graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pós-graduado em Teoria do Teatro Contemporâneo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul Pós-Graduanda no Curso de Especialização Educação Integral na Escola Contemporânea: ênfase na abordagem teórica metodológica Trajetórias Criativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Pró-Reitoria de Pós-Graduação.

Os estudantes que participam do Projeto Trajetórias Criativas apresentam diversas dificuldades cognitivas e sérios problemas disciplinares. Estes jovens, em especial a turma de alunos investigada, possuem um perfil bastante variado, desde adolescentes que já trabalham no turno inverso até alunos com necessidades especiais com laudo e sem laudo. Em geral, possuem famílias, mães e pais que trabalham durante o dia.

Parte-se da hipótese de que os jogos teatrais (atividades em grupos, exercícios de aquecimento físico e vocal, jogos de improvisação e interpretação, dinâmicas que desenvolvem a concentração e a observação) na sala de aula são atividades que possam contribuir para uma mudança na conduta dos estudantes levando ao desenvolvimento da autonomia.

A fim de investigar de que maneira os jogos teatrais contribuem na construção da autonomia dos jovens estudantes foram realizadas oficinas para acompanhar uma possível mudança na conduta dos mesmos. Além disso, analisou-se as respostas dos estudantes e professores sobre a conduta dos estudantes em relações a questões relacionadas a trabalho em grupo, responsabilidade e colaboração na escola.

OBJETIVO DA PESQUISA

Na pesquisa realizada, procurou-se mapear condutas autônomas dos estudantes durante as oficinas, comparando-as com o que foi observado no início. Por conduta adota-se o conceito piagetiano que se refere à “a totalidade (o conjunto) do comportamento; isto é, as ações e a consciência que os sujeitos têm delas” (PIAGET, 1971, apud FERRARI, p. 288).

Segundo o Caderno Um do Projeto de Extensão Trajetórias Criativas (Brasil, 2014, pág.5), autonomia é a “capacidade de auto-organização de um parceiro, de uma equipe, ou de uma instituição, com suas dependências e interdependências na relação com as trocas que se estabelecem com o meio” (Brasil, 2014, pág.5).

Sendo assim, surgiu a necessidade de investigar de que maneira os jogos teatrais contribuem na construção da autonomia dos jovens estudantes do projeto Trajetórias Criativas. E foi a partir dessa indagação que se elaborou um projeto de pesquisa junto ao Curso de Especialização em Educação Integral na Escola Contemporânea Ênfase na Abordagem Teórico Metodológica Trajetórias Criativas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, objetivando acompanhar o possível desenvolvimento da autonomia nos estudantes, por meio das oficinas de teatro.

MÉTODO DE ESTUDO

Esta pesquisa é definida como pesquisa-ação porque se propõem uma investigação com alunos de uma turma de estudantes que fazem parte de um projeto específico chamado, como foi mencionado anteriormente, Projeto Trajetórias Criativas. Conforme Thiollent (2011, pág. 20) “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo nos quais os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. (THIOLLENT, 2011, pág.20)

Outro aspecto que define este trabalho como pesquisa-ação é o fato de haver uma ação, como mostra o autor supracitado, por parte das pessoas ou grupo envolvido no problema, no caso as atividades de jogos teatrais, sob a observação do professor, além disso, essa ação não é algo trivial, pois se trata de um problema a ser investigado e que possui hipóteses, objetivos, enfim toda uma metodologia que resultará em possíveis soluções.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A pesquisa abrange uma turma de vinte e cinco alunos que fazem parte do Projeto Trajetórias Criativas, inicialmente os alunos foram informados sobre a pesquisa e convidados a participar. Depois foram providenciados os termos de autorização para a direção da escola, para os professores e para os responsáveis pelos estudantes Assim, utilizou-se como instrumentos de análise dois questionários e a oficina de jogos teatrais:

1) QUESTIONÁRIO 1: os 25 alunos e dois professores da turma responderam questões com a finalidade de informarem sobre suas condutas em relação a trabalho em grupo, responsabilidade e colaboração na escola.

2) OFICINA DE JOGOS TEATRAIS: foram realizadas quatro oficinas de duas horas e meia cada uma delas com um encontro semanal, objetivando trabalhar a expressão corporal e vocal, a leitura e a reflexão de textos que abordam questões sociais, jogos de integração, jogos de improvisação, relaxamento e sensibilização, relacionar e discutir questões sociais através da montagem de performances teatralizadas.

3) QUESTIONÁRIO 2: na finalização da coleta de dados os participantes da pesquisa (estudantes e professores), responderam questões a fim de diagnosticar se houve mudanças na conduta dos estudantes durante e após a realização das oficinas.

OS JOGOS TEATRAIS

Para realizar este trabalho com jovens buscou-se suporte em alguns teóricos do teatro como Augusto Boal em *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* (1983), e *200 Jogos e Exercícios Para o Ator e Não Ator Com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro* (1983), visto que, o mesmo é caracterizado como personalidade marcante como autor e diretor teatral, se empenhando sempre ao longo da carreira, na renovação da cena brasileira, Boal propõe centenas de jogos teatrais voltados para o ator e não ator com vontade de dizer algo para a sociedade, mostrando alguns caminhos que levam as pessoas enquanto sujeito social a assumirem sua função de cunho protagonista no teatro e na sociedade.

Viola Spolin, *Improvisação para o Teatro* (1982), desenvolveu seu trabalho na década de setenta com crianças em comunidades de bairro em Chicago, durante o movimento de renovação do teatro norte-americano. Cria o jogo de improvisação que tem o significado de descoberta prática dos limites do indivíduo, dando ao mesmo tempo as possibilidades para a superação destes limites. O sistema elaborado por Viola Spolin destina-se a todas as pessoas: profissionais, amadores ou crianças.

A professora Olga Garcia Reverbel, deixou valiosa contribuição teórica e prática para todos os professores comprometidos com o desejo de modificar o fazer pedagógico no dia-a-dia em sala de aula através da arte dramática. Em *Jogos Teatrais na Escola* (2007), nos apresenta jogos teatrais voltados para o desenvolvimento global do estudante como relacionamento social, a espontaneidade, a imaginação, a observação e a percepção.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados refere-se a dois questionários que foram realizados com 25 alunos e dois professores da turma TC4 do Projeto Trajetórias Criativas, o questionário 1 aplicado no início das oficinas com questões que buscam saber como o aluno se organiza individualmente e em grupo, como colabora e é responsável com a escola, e o questionário 2 ao final, para saber se houve mudanças em relação a organização, a colaboração e a responsabilidade do

aluno. As questões dirigidas aos professores colaboram para verificar se houve mudança na conduta dos estudantes. Também são analisadas as oficinas de jogos teatrais.

Analisando as respostas do questionário 1 em relação à responsabilidade com a escola, destaca-se que uma média de 70% dos estudantes deixa de cumprir com algum tipo de combinação estabelecida pelo grupo, chegando atrasado, faltando e não se organizando nas tarefas: “chego sempre atrasado, faço as coisas no caderno que é completo, mas não é organizado” (T.P.), “Me organizo razoavelmente trago os materiais solicitados” (B.L.), “Minha organização é assim não chego no horário, mas faço as atividades, que eu saiba meu caderno está completo, tirando as aulas que eu faltei” (G.R.), “Eu me organizo para os trabalhos e etc. Mas, ultimamente ando faltando” (M.G.).

Desta forma constata-se através do questionário 1 que as condutas dos estudantes apresentavam falta de organização, de interesse, de responsabilidade devido, entre outras coisas, às faltas e desorganização com o material de estudo. Tal caracterização é compartilhada pelos dois professores ao responderem que “os alunos apresentam dificuldades na assiduidade e pontualidade mostrando, às vezes, não terem senso de responsabilidade” (G.P.). Esse conjunto de ações por parte dos estudantes pode caracterizar falta de autonomia.

Comparando esses dados com as respostas obtidas através do questionário 2 alguns alunos responderam que não havia mudado em nada, porém mais da metade dos estudantes consideram que as oficinas ajudaram a levar a escola mais a sério, a ter mais respeito na sala de aula, comprometendo-se também com outras disciplinas além do teatro: “Os jogos teatrais tem uma função fundamental na aprendizagem da escola, pois auxiliam os alunos a utilizar mais a sua criatividade, personalidade e talvez até um dom (talento)” (F.A.), “Sim passei a chegar no horário” (G.O.).

Os dois professores ao serem indagados no questionário 2 se houve alteração no perfil da turma após a participação nas oficinas de teatro, responderam que nota-se uma maior desenvoltura na realização das tarefas, os alunos se tornaram mais desinibidos e por isso acredita-se que a postura (expressão corporal e vocal) ao apresentar trabalhos, tenha melhorado muito após as oficinas. Quanto à autonomia os professores acreditam também, que os estudantes se tornaram mais autônomos porque se tornaram mais confiantes e por isso mais dinâmicos, pois conseguem se auto-organizar, trabalhar em equipe e realizar trocas no meio escolar.

Ao término de cada oficina era realizado um debate com o objetivo de levantar pontos positivos e negativos ocorridos durante os exercícios. Na primeira aula, em geral, os

estudantes abordaram como fatores importantes a tentativa de participação, organização e a concentração dos grupos, mas admitiram como ponto negativo a falta das mesmas em muitos momentos.

Tal realidade se modificou com o passar do tempo, após alguns encontros onde foram realizados vários exercícios teatrais os alunos demonstraram maior concentração, relaxamento e participação nas atividades, bem como nos mostra Olga Reverbel:

As capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção – necessitam ser estimuladas e desenvolvidas, através de atividades dramáticas, musicais e plásticas, além, naturalmente, de outras atividades do currículo escolar.” (2009, pág.25).

Outro fator que considera-se relevante é que em todas as atividades foram realizados debates onde era explicado detalhadamente os porquês da realização das mesmas bem como a importância destas para o corpo, para a formação e para o convívio social. Assim procurou-se ouvir os estudantes quanto as suas dúvidas, mas também quanto as suas impressões sobre os acontecimentos durante os jogos teatrais.

Tal ação de escutar e dialogar com os estudantes, bem como conscientizá-los sobre a importância de cada exercício vem ao encontro do que nos traz Paulo Freire (Pedagogia da Autonomia, 1997), sobre autonomia o autor afirma que é necessário instigar no educando sua curiosidade, sua insubmissão, sua dúvida constante. Assim, conclui-se, que um aluno autônomo é aquele que possui curiosidades, interesses e sabe organizar-se para buscar suas respostas, mas para isso é necessário que seus interesses sejam respeitados.

No que se refere à colaboração, todos os jovens responderam no questionário 1 e 2 que entendem por colaboração “ajudar o professor” no sentido de fazer silêncio e atender as solicitações do mesmo. Também apareceram respostas que consideram que os alunos devem “ajudar os colegas” e “fazer as atividades”.

Durante as oficinas observou-se que todas as atividades realizadas, a partir do início das oficinas até o final, contribuíram para uma mudança de atitude dos estudantes. Gesto simples e espontâneo do aluno como o de organizar a sala para as atividades, removendo classes e cadeiras para os cantos da sala podem demonstrar interesse, compromisso, responsabilidade e participação mais efetiva nas aulas. Pois, inicialmente, os estudantes esperavam pela solicitação do professor, muitos não ajudavam e nem mostravam interesse em se organizar, porém a medida que se desenvolveram os trabalhos com os jogos teatrais os jovens começaram a mu-

dar, se organizando individualmente e em grupo, colaborando entre eles: “Todo mundo se ajudando e trabalhando juntos” (B.L.).

Já para a questão do trabalho em grupo os jovens deram respostas variadas. No questionário 1 cerca de 50% da turma procura trabalhar com seriedade se ajudando e cooperando entre si, como no exemplo que segue: “Quando um trabalho em grupo é solicitado eu procuro primeiramente unir o grupo para que todos participem e deem sugestões para a conclusão com sucesso do trabalho” (F.A.). No entanto, a outra metade dessa turma, pelo que foi analisado não demonstra interesse pelas atividades em grupo, conforme exemplos; “Eu faço o solicitado” (B.L), “Bom geralmente eu espero me chamarem para um grupo quando não me chamam eu entro para um grupo qualquer” (B.A.), “Eu escolho os meus amigos para fazer o grupo com eles sempre” (T.O.).

No questionário 2 permaneceu a ideia de colaboração: “Quando um trabalho em grupo é solicitado, o primeiro passo não é pensar em si, mas sim no grupo, no resultado que o grupo vai ter. O resultado do trabalho depende do esforço do grupo” (F.A). Embora se observou durante as oficinas que os estudantes passaram a realizar as atividades em grupo com maior organização e empenho.

Percebe-se a partir destas respostas que os jovens buscam se ajudar mutuamente, colaborando entre si para que o trabalho saia bom. Caracterizando, assim, a chamada *solidariedade interna*¹ Assim, adolescentes do Projeto Trajetórias Criativas devem ser estimulados no desenvolvimento da solidariedade interna através do trabalho em grupo por meio dos jogos teatrais que remetem a construção de regras internas surgidas da vontade comum e de combinações, avançando em direção da cooperação intelectual, colaborando sem dúvida, para a formação da autonomia no jovem.

Outro fator observado na oficina é que em quase todos os exercícios de expressão corporal, relaxamento e improvisação há uma sequência de vários movimentos corporais realizados em sintonia e em conjunto, onde o grupo de estudantes demonstrou a cada aula, adquirirem gradualmente mudança na conduta ao se organizarem e colaborarem entre si na execução das tarefas. Um exemplo disso são os jogos de improvisação utilizando somente o

¹ Acredita-se que este estudo também pode ser fundamentado com a ideia de Self-government, de Piaget, apresentada no texto da Professora Doutora Mônica Estrázulas, sendo o trabalho em grupo uma experiência válida para desenvolver em adolescentes através da experimentação. Há dois aspectos na abordagem da solidariedade o *moral* chamado de *solidariedade externa* que se direciona a noção de regras, por isso para as crianças é visto e sentido genuinamente como obediência, crianças antes dos 10-11 anos acreditam nas verdades reveladas pelos mais velhos como imutáveis. E o *intelectual* chamado de *solidariedade interna*, quando a partir da vontade de cooperar é realizada uma reflexão e estabelecido uma decisão entre os indivíduos de um grupo, ocorrendo a partir dos 11-12 anos

corpo (SPOLIN, 1982), isto é, o estudante não pode fazer uso da fala enquanto improvisa imagens (natureza, máquinas, cenas de filmes, acontecimentos do dia a dia). Geralmente esses jogos são realizados em grupo e por isso exigem do estudante concentração, cooperação e colaboração entre os envolvidos. Além disso, o jogo teatral de Viola Spolin, trabalha no aluno a possibilidade de experimentação e o desenvolvimento da espontaneidade.

“a espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa.” (1982, pág. 4).

Os professores entrevistados concordam que os jogos teatrais colaboram para a formação dos estudantes na medida em que se tornam mais protagonistas e solidários na tomada de decisões e realização de atividades propostas. Os jogos teatrais despertam para novos saberes e conhecimentos. Além disso, os jogos teatrais são fundamentais no processo de socialização dos alunos.

Finalizando, conforme Paulo Freire pode ser desenvolvido no aluno uma forma de curiosidade investigativa a partir de desafios, tais desafios foram proporcionados a cada encontro com os jogos teatrais, por isso acredita-se que estes estudantes adquiriram aos poucos curiosidades, relações entre conhecimentos que antes não eram instigados a pensar.

CONCLUSÃO

Nesse contexto, é possível considerar que a pesquisa colaborou para averiguar através dos questionários e das oficinas de jogos teatrais as possíveis mudanças ocorridas na conduta dos jovens do projeto Trajetórias Criativas, tendo em vista a análise dos dados onde se evidencia inicialmente estudantes que apresentavam diversas dificuldades cognitivas e sérios problemas disciplinares ao final dos estudos demonstraram maior participação, interesse, responsabilidade e solidariedade nas tarefas da escola em um todo.

Dessa forma, acredita-se ainda, que este trabalho colabora para uma visão de escola contemporânea, voltada para o desenvolvimento integral do estudante, pois os jogos teatrais enquanto ferramenta didática exige espaços e tempos diferenciados que somente uma escola de educação Integral ou projetos como o Trajetórias Criativas, por exemplo, podem acolher em sua totalidade.

Acredita-se também que uma das contribuições desta pesquisa foi compreender que os jogos teatrais podem ser essenciais na formação dos jovens estudantes em qualquer nível ou

modalidade de ensino. Tais atividades teatralizadas colaboram para mudança na conduta dos estudantes, mas também para o desenvolvimento de um jovem crítico, desinibido, expressivo, respeitoso, determinado e sensível para questões humanas e sociais de nossa era.

Para finalizar, ressalta-se que o contato com a linguagem teatral pode levar o estudante a compreender outras áreas do conhecimento, uma vez que, através dos jogos teatrais podem ser exploradas questões de cunho sócio cultural, além de desenvolver a concentração, e a observação. Desta forma, os jogos teatrais ajudam o estudante a perder continuamente a timidez, a desenvolver a expressão gestual e verbal, visando seu aprimoramento pessoal, pois conforme Reverbel (2007, pág.26) “expressão é a capacidade para exprimir em linguagem verbal ou gestual seus sentimentos, emoções e sensações”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses F. (org.). **Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo**. São Paulo, Moderna, 2001.

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e não-Atores**. 11ª. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A. 2008.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A. 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

BRASIL, CADERNO UM. **Projeto de Extensão Trajetórias Criativas**, 2014.

ESTRÁZULAS, Mônica. **O Legado Quase Desconhecido do Pensamento de Jean Piaget**. Texto Um, disciplina de Sócio Cognição.

FERRARI, M. **Piaget's Enduring Contribution to a Science of Consciousness**. In: The Cambridge Companion to Piaget. New York: Cambridge University Press, 2009 (287- 307)

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 13ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4ª. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PIAGET, J. **Aquelle image de l'homme conduit la psychologie?: Le professeur Piaget répond**. Etudes et Carrières: Revue d'information Professionnelle Universitaire (6-7, 60-61), 1971.

REVERBEL, Olga. **Jogos Teatrais na Escola**: Atividades globais de expressão. 1ª. Ed. São Paulo, Scipione. 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e Conhecimento: do faz de conta à representação teatral**. Porto Alegre, Mediação, 2002.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. 1ª. Ed. São Paulo, Perspectiva. 1982.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18ª. Ed. São Paulo, Cortez. 2011.